

Carta do Prelado (Junho 2013)

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Ao começar o mês de junho, vem-nos sempre à ideia com uma força especial a lembrança de S. Josemaria, cuja Memória litúrgica – Solenidade, na Prelatura – se celebra no dia 26. Ao meditar no seu exemplo de vida, ao reler os seus escritos, apercebemo-nos cada vez mais das grandes maravilhas que Deus realiza nas almas plenamente fiéis aos Seus desígnios. Vem-me aos lábios aquela exclamação da Sagrada Escritura: *mirabilis Deus in sanctis suis*¹: como Deus é admirável nos Seus santos!

A plena identificação com Cristo – que nisto consiste a santidade – atribui-se de maneira especial ao Espírito Santo. Demos-Lhe graças pela ação com que santifica continuamente as almas. Ao celebrarmos há poucos dias a Solenidade do Pentecostes e depois a da Santíssima Trindade, elevámos com frequência o nosso coração a esse Deus cuja vontade é, como S. Paulo escreve, *que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade*².

E com o regresso em cheio ao tempo comum, a Liturgia recorda-nos que nos encontramos na etapa da História que decorre entre a vinda do Paráclito no Pentecostes e a vinda gloriosa de Jesus Cristo no fim dos tempos. Esta é uma das verdades contidas no Credo, com a qual termina o ciclo dos mistérios referentes a Nosso Senhor. Em cada domingo, na Santa Missa, confessamos que o Senhor, sentado agora à direita do Pai, *de novo há de vir em Sua glória, para julgar os vivos e os mortos. E o seu Reino não terá fim*³.

«Desde a Ascensão, a vinda de Cristo na glória está iminente», explica o *Catecismo da Igreja Católica*⁴, dizendo-o no sentido em que pode acontecer a qualquer momento. Só Deus sabe quando terá lugar esse acontecimento, que marcará o fim da História e a definitiva renovação do mundo. Por isso, sem alarmismos nem temores, mas com sentido de responsabilidade, havemos de caminhar para o encontro definitivo com Jesus, que, por outro lado, acontece para cada um no momento da morte. De Deus vimos e para Deus vamos: esta realidade constitui, no fundo, a síntese da sabedoria cristã. Contudo, como o Papa lamentava recentemente, **com frequência se esquecem estes dois pontos da História e, particularmente, a fé no regresso de Cristo no juízo final não é às vezes tão clara e firme no coração dos cristãos**⁵.

Consideremos que o encontro definitivo do Senhor com cada um está precedido pela Sua atuação constante em cada momento da vida comum. Ainda me lembro da vivacidade com que S. Josemaria Lhe pedia, para este caminhar quotidiano: *mane nobiscum!*⁶: fica connosco. Dizemos-Lho nós, conscientes de que temos de deixar que Ele atue na nossa vida? Exortava-nos também a estar preparados para prestar contas a Deus da nossa existência a qualquer momento. Em *Caminho*, escreveu: **“Há de vir julgar os vivos e os mortos”, rezamos no Credo. Oxalá não percas de vista esse julgamento e essa justiça e... esse Juiz**⁷. Sou testemunha de que considerava pessoalmente, em cada dia, essa possibilidade, e se enchia de alegria. Assim nos devíamos alegrar

1. *Sl* 67/68, 36 (Vg).

2. *1 Tm* 2, 4.

3. Missal Romano, *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*.

4. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 673.

5. Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 24-IV-2013.

6. *Lc* 24,29.

7. S. Josemaria, *Caminho*, n. 745.

todos os que nos sabemos filhos de Deus. Por isso acrescentava: ***Não brilha na tua alma o desejo de que teu Pai-Deus fique contente quando te tiver de julgar?***⁸

O tempo presente, a etapa da História que nos cabe a cada um percorrer, «é um tempo de espera e de vigília»⁹, em que devemos trabalhar com a alegria e o entusiasmo dos bons filhos, para ir implantando na Terra, com a ajuda da graça, o reino de Deus, que Jesus Cristo levará à perfeição no último dia. É isso que acontece na parábola dos talentos, que o nosso Padre tantas vezes comentou¹⁰. O Romano Pontífice recordou-o numa das suas catequeses, por ocasião do Ano da Fé. **A espera do regresso do Senhor é o tempo da ação (...), o tempo de fazer render os dons de Deus, não para nós mesmos mas para Ele, para a Igreja, para os outros, o tempo de procurar sempre fazer que cresça o bem no mundo. E em particular hoje, nesta época de crise, é importante não nos fecharmos em nós mesmos enterrando o nosso talento, as nossas riquezas espirituais, intelectuais e materiais, tudo o que o Senhor nos concedeu, mas abri- nos, ser solidários e estar atentos ao próximo**¹¹.

Filhas e filhos meus, não deixemos cair no esquecimento estas recomendações. Esforcemo-nos para que também outras pessoas – muitas! – não só as ouçam como lutem para as pôr em prática. Em última instância, tudo se resume a permanecer atentos, por amor a Deus, às necessidades dos outros, começando pelos mais próximos – os que estão ao nosso lado, por razões familiares, profissionais ou sociais – tendo muito presente que, como S. João da Cruz escreveu e o *Catecismo* transcreve, «no entardecer da vida serás julgado sobre o Amor»¹². Assim o manifesta o próprio Cristo, na impressionante cena do Juízo final que S. Mateus expõe¹³. Como sabemos servir? Aplicamos a alegria sobrenatural e humana nesses pormenores, que devem ser diários?

O pensamento destas nossas últimas realidades não há de envolver, repito, temores que paralitem a alma, mas ser uma oportunidade para ir retificando o nosso caminho terreno, ajustando-nos ao que Deus espera de nós. E há de impulsionar-nos a **viver melhor o presente. Deus oferece-nos este tempo com misericórdia e paciência, para aprendermos todos os dias a reconhecê-Lo nos pobres e nos pequeninos, a fim de trabalharmos para o bem e sermos vigilantes na oração e no amor**¹⁴.

O Espírito Santo, que Jesus enviou ao mundo depois da Sua gloriosa Ascensão aos Céus, sustenta-nos e anima-nos. Considerámo-lo com alegria na recente Solenidade de Pentecostes, e confessamos a Sua existência e a Sua ação na Igreja cada vez que rezamos o Credo: *Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos profetas*¹⁵.

Trata-se de uma verdade inacessível ao intelecto humano, revelada por Cristo aos Apóstolos, que nos mostra a grandeza e a perfeição de Deus. «O Pai não foi feito, nem gerado, nem criado por ninguém. O Filho procede do Pai; não foi feito, nem criado, mas gerado. O Espírito Santo não foi feito, nem criado, nem gerado, mas procede do Pai e do Filho»¹⁶. O *Catecismo da Igreja Católica* sintetiza esta doutrina em breves palavras: «A unidade divina é trina»¹⁷.

8. S. Josemaria, *Caminho*, n. 746.

9. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 672.

10. Cfr. *Mt* 25, 14-30.

11. Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 24-IV-2013.

12. S. João da Cruz, *Avisos e sentenças*, 57, em *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1022.

13. Cfr. *Mt* 25, 31-46.

14. Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 24-IV-2013.

15. Missal Romano, *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*.

16. Símbolo *Quicumque* ou Atanasiano.

17. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 254.

O Espírito Santo é o Amor das duas primeiras Pessoas: Amor incriado e infinito, Amor consubstancial, Amor eterno que procede da entrega mútua do Pai e do Filho: um mistério absolutamente sobrenatural, que conhecemos pela Revelação do próprio Jesus Cristo e que ajuda a entender a grandeza do dom de amar. Os Padres da Igreja e outros grandes teólogos guiados pelo Magistério, fundamentados nas palavras de Cristo, esforçaram-se por ilustrar de alguma forma – sempre no claro-escuro da fé – a divindade do Paráclito.

Baseados no modo de conhecer e de querer que é próprio das criaturas humanas, criadas à imagem e semelhança de Deus, e pelos nomes e missões que se atribuem ao Espírito Santo na Sagrada Escritura, eles explicaram a Sua processão do Pai e do Filho como Amor subsistente. Assim como Deus Pai, conhecendo a Sua própria Essência, gera o Filho, assim o Pai e o Filho Se amam num único ato de Amor, eterno e infinito, que é o Espírito Santo.

Que alegria e que paz nos deve trazer a fé de nos sabermos assistidos a toda a hora pelo divino Paráclito! Acompanhados não só de fora, como um amigo afetuoso, mas como um hóspede que mora, com o Pai e com o Filho, na intimidade da nossa alma em graça. Ele é *descanso na luta e na paz encanto, no calor brisa, conforto no pranto*¹⁸, como reza a Igreja na sequência de Pentecostes. É a *lux beatíssima*, a bem-aventurada luz que penetra até ao fundo da alma: ilumina-nos para conhecermos melhor Jesus Cristo, fortalece-nos para O seguirmos de perto, quando os obstáculos e as contradições nos parecem assediar, anima-nos a sair de nós mesmos para nos interessarmos pelos outros e os levarmos a Deus.

A força e o poder de Deus iluminam a face da Terra. O Espírito Santo continua a assistir a Igreja de Cristo, para que ela seja – sempre e em tudo – sinal erigido diante das nações, anunciando à Humanidade a benevolência e o amor de Deus (cfr. Is 11, 12). Por maiores que sejam as nossas limitações, nós, homens, podemos olhar com confiança para os Céus e sentir-nos cheios de alegria: Deus ama-nos e liberta-nos dos nossos pecados. A presença e a ação do Espírito Santo na Igreja são o penhor e a antecipação da felicidade eterna, dessa alegria e dessa paz que Deus nos prepara¹⁹.

Entre as metáforas que a Sagrada Escritura usa para falar do Paráclito, a água é uma das mais frequentes, um elemento absolutamente necessário para a vida natural: tudo se converte em deserto onde ela falta ou escasseia, e os seres vivos adoecem ou morrem. Manifesta uma das grandes riquezas que o Criador confiou aos seres humanos para que a administrem bem, ao serviço de todos. Na ordem sobrenatural, o Paráclito é essa fonte de vida. No Seu colóquio com a mulher samaritana, e depois na festa dos tabernáculos, Jesus Cristo prometeu que, aos que acolhessem com fé a Sua Palavra, lhes daria *água viva*, que poria em todos os que O procurassem uma *fonte de água viva* que brotaria incessantemente do seu interior. S. João anota que *se referia com isto ao Espírito Santo, que iam receber os que n'Ele acreditassem*²⁰.

O Espírito Santo chega aos cristãos como manancial inesgotável dos tesouros divinos. Recebemo-Lo no Batismo e na Confirmação. É-nos conferido no sacramento da Penitência, aplicando de novo às almas os méritos infinitos de Cristo. É enviado às nossas almas e aos nossos corpos cada vez que recebemos a Eucaristia e os outros sacramentos. Atua na consciência mediante as virtudes infusas e os dons... Numa palavra, a Sua missão consiste em nos fazer verdadeiros filhos de Deus e em que atuemos de acordo com esta dignidade. **O Espírito Santo ensina-nos a ver**

18. Missal Romano, Solenidade de Pentecostes *Sequência*.

19. S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 128.

20. Cfr. *Jo* 4, 10-13; 7, 37-39.

com os olhos de Cristo, a viver e a compreender a vida como Ele o fez. Eis porque a água viva que é o Espírito Santo sacia a sede da nossa vida ²¹.

O Paráclito, Senhor e Dador da vida, que falou pelos profetas e ungiu Cristo para que nos comunicasse as palavras de Deus, continua agora a fazer ouvir a Sua voz na Igreja e na intimidade das almas. Por isso, *viver segundo o Espírito Santo é viver de Fé, de Esperança, de Caridade, é deixar que Deus tome posse de nós e mude os nossos corações desde a raiz, para os fazer à Sua medida* ²². Agradecemos os cuidados que nos dispensa como um pai e uma mãe bons, que isso e muito mais é para cada um de nós. Invocamo-Lo frequentemente? Renovamos em cada dia a decisão de manter a alma atenta às Suas inspirações? Esforçamo-nos por segui-las sem opor resistências?

Para tornar realidade estas aspirações, recomendo-vos que façais vossas umas palavras que S. Josemaria escreveu nos primeiros anos da Obra: *Vem, ó Santo Espírito!: ilumina o meu entendimento, para conhecer os teus mandatos; fortalece o meu coração contra as insídias do inimigo; inflama a minha vontade... Ouve a tua voz, e não quero endurecer-me e resistir, dizendo: depois..., amanhã. Nunc cœpi! Agora!, não vá a ser que o manhã me falte.*

Oh, Espírito de verdade e de sabedoria, Espírito de entendimento e de conselho, Espírito de gozo e de paz!: quero o que quiseres, quero porque queres, quero como quiseres, quero quando quiseres... ²³.

Peçamos-Lhe, com toda a confiança, pela Igreja e pelo Papa, pelos bispos e sacerdotes, por todo o povo cristão. De modo especial roguemos-Lhe por esta pequena parte da Igreja que é o Opus Dei, pelos seus fiéis e cooperadores, por todas as pessoas que se aproximam do nosso apostolado animadas pelo nobre desejo de servir mais e melhor Deus e os outros. E que grande consolação se nos oferece com a Solenidade do Coração de Jesus e a Memória do Imaculado Coração de Maria! Recorramos a estes refúgios de paz, de amor, de alegria, de segurança.

Regressei há dois dias de uma viagem à África do Sul, onde o trabalho da Obra vai ganhando forma. Bem sabeis que gostaria de estar em todos os lugares onde vivem e trabalham as minhas filhas e os meus filhos. Vou até lá com a oração, com o sacrifício alegre, com o oferecimento do trabalho. Uni-vos às minhas intenções e rezai por mim, especialmente por ocasião do meu aniversário, no próximo dia 14, para que sempre e em tudo me oriente o exclusivo anseio de servir Deus, a Igreja, as almas e todos vós, com a totalidade e a alegria com que o nosso Padre sempre atuou, com a fidelidade do queridíssimo D. Álvaro e de quantos nos precederam na Casa do Céu.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1 de junho de 2013

© *Prælatūra Sanctæ Crucis et Operis Dei*

21. Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 8-V-2013.

22. S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 134.

23. S. Josemaria, Apontamento manuscrito, abril de 1934.